

PERMANÊNCIA E CONTINUIDADE: GRUPOS CERAMISTAS PRÉ-HISTÓRICOS NA ÁREA DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PIAUÍ

Leandro Surya

No sudeste do Piauí, área de localização do Parque Nacional Serra da Capivara, os sítios arqueológicos¹ com presença de artefatos cerâmicos têm idades muito mais antigas do que se supunha nas grandes sínteses para a América do Sul nos trabalhos de Steward (1955), Willey (1949) ou Meggers; Evans (1958). A datação mais antiga² foi encontrada no abrigo Toca da Extrema, com 4.730 ± 110 BP (GIF 5401)³ e, a partir desta data, há uma seqüência cronológica para um conjunto de sítios que se estende até 230 ± 50 BP (BETA115612) para a Toca da Baixa dos Caboclos. Isto significa que a *presença* de grupos ceramistas⁴ na área ocorre há, pelo menos, 2780 anos a.C. (Quadro 1).

A presença dos grupos ceramistas, na perspectiva adotada refere-se a duas situações explicitadas nos conceitos de *permanência e continuidade*. O primeiro se refere à existência de grupos ceramistas na área de estudo, que podem ser de um mesmo grupo cultural ou não. Continuidade, o segundo conceito, indica necessariamente que os grupos ceramistas pertencem a um mesmo grupo cultural. Portanto, de acordo com as datações dos vestígios cerâmicos da área do Parque Nacional pode-se afirmar a permanência de grupos humanos nesta área. Para a determinação da continuidade, devem ser adotados outros parâmetros, além da datação por si só.

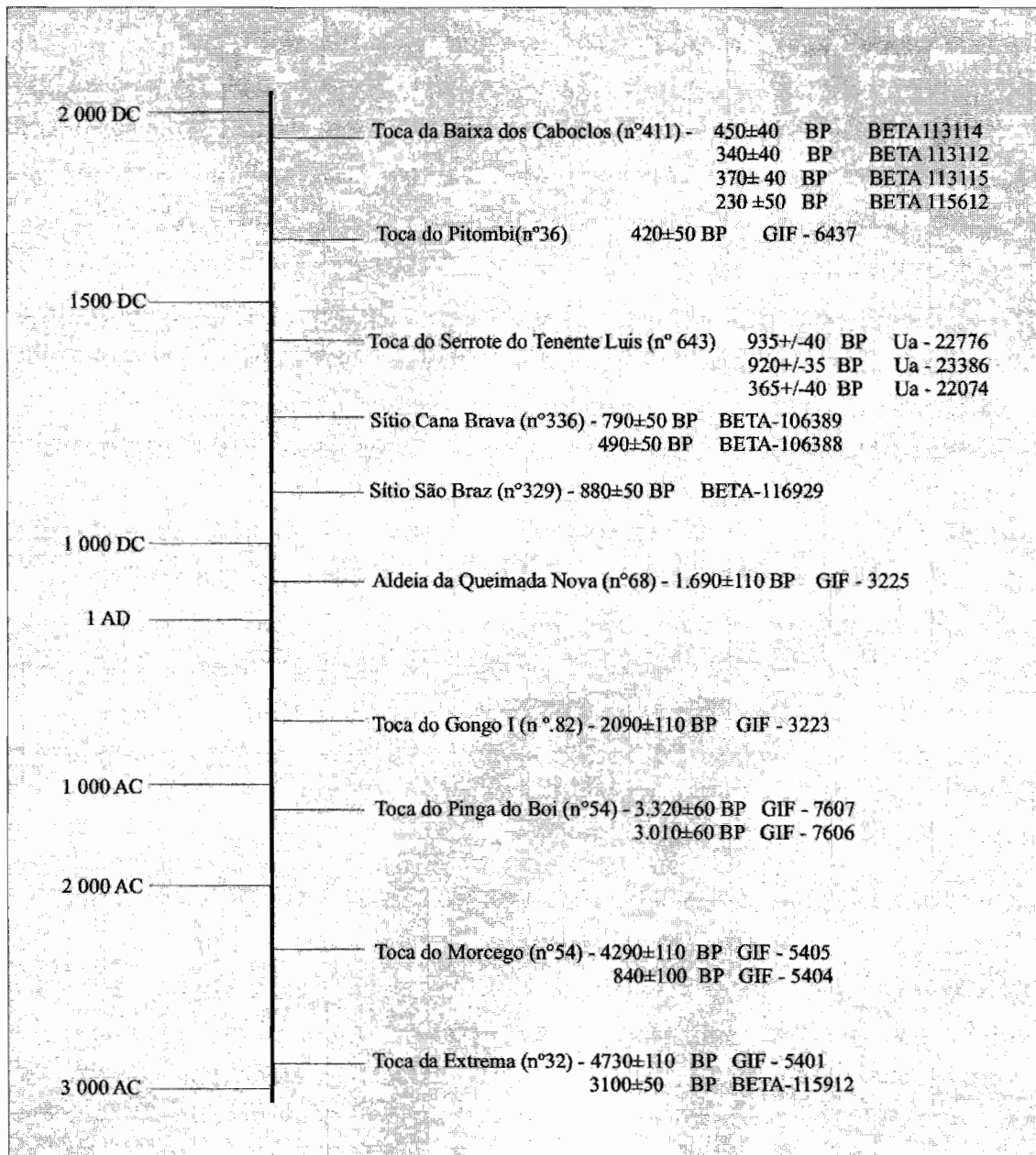
Pesquisas atuais proporcionaram um novo entendimento acerca dos grupos ceramistas da região do Parque Nacional Serra da Capivara, tornando possível distinguir, de forma hipotética, a continuidade cultural destes povos que habitaram as aldeias (CASTRO, 1999, 2000; OLIVEIRA, 2000, 2002, 2004). Os sítios Baixão da Serra Nova – BSN, Barreirinho – BA e Aldeia Queimada Nova – AQN foram identificados por Oliveira (2000) como pertencentes a um mesmo grupo cultural (perfil técnico-cerâmico 1), apesar da presença de fragmentos diferenciados, nomeados pela autora de conjunto A e conjunto B. Castro (1999) identificou o Sítio Cana Brava – CB como um outro grupo ceramista. Estes quatro sítios se localizam a céu aberto, e cronologicamente

se encontram num período de 1690 \pm 110 BP (GIF 3225) para a Aldeia Queimada Nova, até 490 \pm 50 (BETA - 106388) no Sítio Cana Brava, datação mais recente para este sítio. Na área em estudo, há outros sítios arqueológicos que cronologicamente poderiam representar uma continuidade destas aldeias, todavia, estão localizados num espaço diferenciado, ou seja, são sítios do tipo abrigo⁵.

A Toca do Serrote do Tenente Luiz - TSTL, a Toca do Pitombi - TP e a Toca da Baixa dos Caboclos - TBC possuem, dentre os sítios que foram datados, os artefatos cerâmicos mais recentes na área do Parque Nacional. Por meio desta “cronologia”, verifica-se a contemporaneidade do Sítio Cana Brava. Todavia, esta contemporaneidade não implica em serem os mesmos grupos culturais. Para os sítios de abrigos citados (CASTRO, 1999; MARANCA, 1991; OLIVEIRA, 2000, 2004) existem apenas poucas informações, insuficientes para caracterizar a tecnologia cerâmica. Desta forma, uma lacuna no conhecimento da tecnologia dos grupos ceramistas, nesse tipo de contexto, o dos abrigos, gera várias possibilidades de estudos. Esta pesquisa objetivou delinear o perfil cerâmico e assim identificar outros aspectos culturais do modo de vida desses povos pretéritos.

Neste estudo utilizou-se os mesmos procedimentos de caracterização aplicados aos outros sítios da área do Parque Nacional. Este posicionamento permite que os problemas e hipóteses possam ser discutidos de maneira integrada (CASTRO, 1999, 2000; OLIVEIRA, 1991, 2000, 2004), uma opção que viabilizou uma análise conjunta das pesquisas executadas até então, além de proporcionar um espaço para discussão de resultados e também para novas propostas de encaminhamentos das pesquisas.

Para o estudo dos grupos pré-históricos ceramistas do Parque Nacional procurou-se verificar, além das características técnicas, de que maneira a cerâmica reflete outros aspectos culturais. Nas populações humanas, a cultura material⁶ é de importância fundamental na orientação das pessoas no seu ambiente natural e social e na transmissão e preservação de conhecimentos. Desempenha um papel ativo nas relações dos homens entre si, com o mundo natural e com o *sobrenatural*, atuando como *um meio de construção e facilitação do ato de percepção e aquisição de conhecimento* (RIBEIRO 1985, 1987; SILVA, 2002). Desta forma, para se chegar a certas generalizações da pré-história, deve-se obter todas as evidências da cultura material, que incluem desde as de natureza ecológica até as relacionadas ao contexto arqueológico.



Quadro 1: Sítios com artefatos cerâmicos datados da área do Parque Nacional.

A análise da dimensão técnica da produção da cerâmica é entendida, nesta pesquisa, como o estudo de uma forma de expressão cultural. Segundo Sanchez (1990:76), os elementos étnicos da consciência do grupo devem estar refletidos na condição material da cerâmica e o grupo social, por consequência, deve possuir algum tipo de identificação com as formas particulares que produzem e reproduzem sua vida por meio dos objetos materiais. Portanto, existe uma identificação entre o grupo e a sua produção cerâmica, a qual seria condicionada pela tradição e modo de trabalho.

Um dos problemas relativos a esta perspectiva refere-se à concepção do termo etnia. As teorias da etnicidade assumem novas configurações quando são acionadas em uma dimensão arqueológica, que abarca o passado, por meio da análise da cultura material. Nesta pesquisa foi utilizado o conceito de grupo cultural como equivalente ao grupo étnico, todavia, levando-se em consideração os limites que este conceito impõe aos estudos arqueológicos.

Como modelo formal, define-se um *perfil cerâmico* como “*uma estrutura caracterizada por elementos técnicos, morfológicos, funcionais, de designer (...) organizados segundo regras de hierarquia*” (OLIVEIRA, 2004:63). Para identificar o perfil cerâmico será necessário perceber como se organizam estes elementos nas suas relações com outros elementos (técnica x técnica, morfologia x morfologia, função x função) e a maneira como se relacionam entre si, gerando a forma (técnicas + morfologias + funções = forma).

No perfil cerâmico, consideram-se elementos técnicos: as matérias-primas, os instrumentos utilizados na confecção dos artefatos, as técnicas de elaboração, as técnicas de queima da argila, ou seja, as técnicas de produção em si do objeto. Os elementos morfológicos são considerados aqueles atributos ligados à forma do objeto, como, por exemplo, o tamanho. Os elementos funcionais são definidos pela finalidade de utilização de cada objeto. Os elementos do design referem-se às técnicas decorativas, que abrangem os motivos, escolha de cores, associação de técnicas, entre outras.

Ao delinear o perfil técnico cerâmico dos grupos que utilizaram os abrigos buscou-se compreender se estes artefatos representavam uma continuidade daquelas populações que ocuparam as aldeias.

E testou-se a seguinte hipótese: Os grupos culturais responsáveis pela produção dos vestígios cerâmicos nos sítios de abrigo estudados não representam uma continuidade dos grupos culturais que ocuparam as aldeias, e podem ser relacionados aos movimentos populacionais ocorridos nos momentos de contatos com os colonizadores e ou de grupos indígenas a partir dos séculos XVI e XVII.

Para se contrastar esta hipótese foram utilizadas duas variáveis. A primeira refere-se à caracterização cultural, baseada no estudo da tecnologia cerâmica, ou seja, a tecnologia de produção, está associada a um grupo cultural específico. Desta maneira, pode-se verificar, utilizando o *perfil técnico cerâmico*, se são os mesmos grupos culturais que produziram os artefatos cerâmicos dos abrigos e das aldeias.

A segunda variável refere-se aos movimentos dos grupos indígenas registrados nos estudos etno-históricos. O interior do Nordeste, segundo alguns autores (GUIDON, 1980; PESSIS, 2003), em particular, o Estado do Piauí, é visto como uma *área de refúgio*⁷ de grupos indígenas das vertentes do rio São Francisco, litoral nordestino e da Bacia Amazônica (HEMMING, 1999). Devido às perseguições entre grupos indígenas e pressões territoriais exercidas a partir da chegada dos colonizadores, a área foi palco de migrações de povos indígenas, tornando-se um ponto de convergência de vários grupos lingüísticos, conforme se pode verificar nas pesquisas de etno-história, o que reforça a hipótese de que os grupos que produziram os vestígios cerâmicos nos abrigos estudados não representam uma continuidade das aldeias na área do Parque Nacional.

A tecnologia de produção cerâmica pré-histórica na área do Parque Nacional Serra da Capivara

Os trabalhos arqueológicos ocorridos no sítio Toca da Baixa dos Caboclos foram do tipo salvamento, conforme indicam Guidon, Vergne e Vidal (1998), sendo publicados os resultados de duas campanhas arqueológicas. A primeira, em 1996, quando ocorreu o salvamento da sepultura que havia aflorado com as enxurradas. A segunda, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1998 (dividida em duas partes), abrangendo o levantamento e o desenho planimétrico e altimétrico do sítio e seus arredores.

Apenas um tipo de pasta (Pasta 1 - areia fina contendo: hematita, mica, caco de cerâmica e bolo de argila) foi identificado neste grupo de fragmentos; a dureza dos fragmentos está entre 2 e 3 segundo a escala de Mohr. Todos os fragmentos analisados no conjunto recolhido neste sítio foram confeccionados pela técnica de manufatura acordelada ou roletada. O tipo de queima, em sua maioria, foi identificado como oxidante, correspondendo a 83,92 % do universo de fragmentos, e 16,08 % foram identificados como queima do tipo redutora. A maior parte dos fragmentos deste sítio possui as superfícies internas e externas alisadas (45,53 %), seguido pela aplicação do corrugado (na maior parte dos fragmentos corrugado simples), na superfície externa, e alisamento, na superfície interna (36,41 %). Em apenas cinco fragmentos foi utilizado o engobo natural, acompanhado de alisamento, nas superfícies interna e externa. A identificação morfológica dos fragmentos permitiu o reconhecimento de três partes dos objetos: as bases, os bojos e as bordas, subdivididos em base do tipo cônica, bordas de tipo direta com lábios arredondados.

A Toca do Serrote do Tenente Luiz é um abrigo sob rocha, situado num serrote de calcário na Depressão Periférica do médio São Francisco. O sítio está localizado no município de São João do Piauí, entre as coordenadas 08° 48' 43.0" S e 030° 25' 09.3". Todos os sítios desta área correm risco de desaparecer, devido à extração do calcário, para a produção de cal, e a outros tipos de explorações predatórias e ilegais. Atualmente, o uso de dinamite e outros explosivos acelerou a destruição dos vestígios arqueológicos, obrigando a equipe da Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM – a cercar algumas destas áreas, incluindo o serrote e o abrigo em estudo. Durante as prospecções, somente na área do entorno deste sítio foram localizadas seis caieiras, fornos especiais para produção de cal, atualmente desativados. As campanhas de escavação do sítio ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2002.

Dois tipos de pasta foram identificados no sítio (Pasta 1 contendo cacos de cerâmica e pouco compacto apresentando várias bolhas de ar e, Pasta 2 contendo areia fina), a dureza não variou em relação à encontrada na cerâmica da Toca da Baixa dos Caboclos (entre 2 e 2,5 Mohr). A coloração dos fragmentos é, em sua maioria, marrom (Munsell, 10 YR5/3), apresentando pequena variação de manchas provenientes do processo de queima. A técnica de manufatura acordelada ou roletada foi usada em todos os fragmentos analisados no conjunto deste sítio. O tipo de queima redutora foi predominante correspondendo a 78% do universo, e 22% foram identificados como queima do tipo oxidante. O alisamento é a técnica de tratamento de superfície mais utilizada

nos fragmentos (70, 76%), o corrugado (com predomínio do corrugado tipo simples) na superfície externa e alisamento na superfície interna e a segunda técnica empregada (21, 63%). A técnica de pintura foi utilizada apenas em 5,26% dos fragmentos na superfície interna, o engobo natural foi identificado em 3,5% dos fragmentos. A morfologia dos fragmentos reconhecidos foi a mesma entre os sítios apenas destacando-se a presença de bases cônicas e convexas, e de lábios arredondados e planos.

A Toca do Pitombi foi prospectada no ano de 1975, sendo coletados alguns fragmentos cerâmicos, em 1980 uma sondagem forneceu alguns carvões e vestígios alimentares. A rocha predominante do abrigo é o arenito, possui 304 m² de área, com pinturas das tradições Nordeste e Agreste (MARANCA, 1991). Existem apenas 24 fragmentos de cerâmica oriundos deste sítio, sua importância está justamente na datação de 420 ± 50 BP (GIF – 6437). Apesar da escassez de fragmentos, foram identificados dois tipos de pasta, produzidos pela técnica acordelada. A queima oxidante (58, 33%) foi detectada em apenas 4 fragmentos a mais que a queima redutora (47, 67%). É interessante destacar que não foi encontrada a técnica do corrugado. A maioria dos fragmentos é constituída por bojos, as bases identificadas são do tipo cônica e há uma única borda.

Foram identificadas cinco formas de objetos nos fragmentos cerâmicos provenientes da TBC e da TSTL. Os artefatos cerâmicos da Toca do Pitombi não permitiram remontar nenhuma forma. De acordo com os critérios e as descrições de Oliveira (2004) e Castro (1999), foram estabelecidas as características seguintes, para cada forma:

1. Elipsóide horizontal, contorno simples, boca ampliada e altura total menor ou igual a $\frac{1}{2}$ do diâmetro da boca.
2. Cilíndrica, contorno simples, diâmetro máximo do bojo e da boca próximos do diâmetro da base.
3. Elipsóide vertical, contorno simples, boca constrita, altura maior que o diâmetro máximo do bojo.
4. Esfera, contorno simples, boca constrita, altura mínima igual ao diâmetro máximo do bojo.
5. Ovóide invertido, boca constrita, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, e maior que $\frac{3}{4}$ da peça.

Na TBC e TSTL todos os objetos cerâmicos estão relacionados ao contexto funerário, sendo utilizados como urnas. A utilização destes objetos se deu de duas maneiras: por meio da reutilização ou através de produção específica para a função de urna funerária. No primeiro caso, a observação de marcas de fuligem nas partes inferiores do bojo e nas bases, além do desgaste nas paredes internas de algumas urnas atestaria o uso anterior e conseqüente reutilização. Os objetos feitos especificamente para a função de urna apresentam pintura de listras paralelas na parede interna, tendo inclusive sido interrompida a produção de um objeto. Neste caso, a argila foi processada até alcançar a forma, porém sem passar pela etapa de queima.

Os sítios de aldeia AQN, BSN, BA e CB apresentam variação funcional bem diferenciada dentre os objetos cerâmicos. O uso de fusos é associado à produção de tecidos, a presença de alças e apêndices tipo alça ou asa e de orifícios nas vasilhas indica a necessidade de suspensão e movimentação destes, os adornos são representados por contas de colar, considerados objetos de uso pessoal (CASTRO, 1999: 187).

As formas de vasilhas predominantes para a TBC foram as cilíndricas, as elipsóides verticais e elipsóides horizontais, as formas abertas são maioria. Na TSTL as formas identificadas foram as elipsóides verticais, as esféricas e as ovóides invertidas, a maior parte com formas de boca fechada. Nas vasilhas dos sítios AQN, BSN e CB as formas abertas são as mais presentes, e no sítio BA existem formas mais fechadas.

Todos os fragmentos de borda identificados e também das urnas inteiras nos sítios TBC e TSTL são do tipo direta. Os lábios das bordas da TBC, em sua maior parte (74, 07%) são planos e os da TSTL, em sua maior parte (77, 77%) são arredondados. No sítio CB, cerca de 90 % dos lábios das bordas são arredondados. Nos sítios AQN, BN e BA a maioria dos tipos de bordas são diretas.

Os minerais mais característicos e presentes na pasta da TBC foram a hematita e a mica. Os cacos moídos de cerâmica e o bolo de argila apresentam-se em menor quantidade; esta quantidade varia de um para outro. Na TSTL predominam os cacos de cerâmica moídos e grãos de quartzo na pasta 1; para a pasta 2, o elemento caracterizador foi a areia fina. No Sítio Cana Brava a albíta, um tipo de feldspato, é o mineral mais presente nos tipos de pastas identificados.

Para os sítios AQN e BA, o bolo de argila foi o antiplástico de maior uso. A textura grosseira da pasta do sítio BSN é justificada pela grande presença de grãos de quartzo.

Dando continuidade às análises, o tratamento de superfície do sítio TBC é, em sua maioria, alisado (45, 53%) e corrugado simples (36, 41%); para o sítio TSTL, mais da metade dos fragmentos estudados foram alisados (58, 33%), seguidos do corrugado de tipo simples (18, 12%). Nos sítios AQN, BN e BA foram utilizados diferentes técnicas de tratamento de superfície, com variadas associações entre estas. No sítio CB a técnica mais freqüente foi também o alisado, o diferenciador foi a grande freqüência de fragmentos brunidos.

O único padrão decorativo utilizando pintura nos sítios TBC e TSTL são os motivos de linhas verticais paralelas, na parte interna das vasilhas. Este padrão coincide com a pintura apresentada nos sítios AQN, BSN e BA, porém sem as variações em faixas ou espirais. No sítio BSN foram encontradas vasilhas pintadas apenas em vermelho. Castro (2000: 187) destaca: “*A pintura é, sem dúvida, um elemento expressivo nos sítios Aldeia Queimada Nova, Baixão da Serra Nova e Barrerinho*”. Nos sítios de abrigo estudados, os fragmentos cerâmicos com pintura e as urnas inteiras pintadas representam um percentual pequeno, atestando o uso mais comum das técnicas do alisamento e do corrugado.

Etno-história e deslocamentos populacionais de grupos indígenas no Nordeste

As datações dos sítios de abrigo estudados são contemporâneas ao processo de colonização desta região. Todavia, não existem elementos, na cultura material destes sítios, que caracterizem um contato direto entre os colonos e os grupos culturais estudados, ou seja, apesar da contemporaneidade, os traços identificados confirmam tratar-se de grupos culturais pré-históricos. Este fato não impede que influências indiretas ou mesmo diretas do colonizador tenham ocorrido naquele período. Neste estudo, procurou-se analisar o contexto histórico que, por seu caráter belicoso e destrutivo, poderia explicar, numa amplitude generalista, o deslocamento dos grupos autóctones no interior do país.

O processo de colonização do interior do Brasil se iniciou com a definitiva expansão do gado para os *sertões*⁸, em fins do século XVII. Concomitante a este processo, ou mesmo desencadeado por ele, intensificaram-se as guerras de extermínio e/ou a escravização das populações indígenas, que de certa forma destaca o processo de resistência dos grupos indígenas. Desta forma, as fazendas de gado tornaram-se uma vastíssima rede de propriedades, com seu ápice nos três últimos decênios do século XVII – 1670, 1680 e 1690. Suas bases fundiárias seguem os mesmos princípios legais que regeram a estrutura fundiária da *plantation* açucareira, a doação de sesmarias ocorria nas terras recém-conquistadas ou por conquistar (TEIXEIRA DA SILVA: 1996). A concessão acontecia principalmente como remuneração pelo serviço militar prestado contra alguns grupos indígenas da região; as terras eram concedidas com limites e extensão incertos.

O Piauí, num momento anterior à instalação da Capitania⁹, fazia parte do que se chamava “Sertão de Dentro” ou “Sertão de Rodelas”. Estes termos se referem às terras localizadas a oeste do rio São Francisco. A delimitação do Piauí, desde seu início, englobou a área territorial situada no lado oriental da bacia do rio Parnaíba. Os aspectos da paisagem se diferenciavam, por se tratar de uma área de transição entre a Amazônia e o Sertão, apresentando ampla variação climática, da subumidade, ao longo da calha do rio Parnaíba, até a semi-aridez, no leste e sudeste do Estado.

Os rios São Francisco e Parnaíba foram as duas grandes vias de penetração para o colono no Estado do Piauí. As grandes propriedades não eram organizadas uniformemente como fazendas de gado. Esses domínios estavam arrendados ou subdivididos em inúmeros currais. Um só fazendeiro normalmente possuía vários currais, dependendo da existência de pastos e água. De acordo com Porto (1974:64), a distância média de uma fazenda para outra era de três léguas, podendo existir uma légua de terra para uso comunal, entre as fazendas (TEIXEIRA DA SILVA, 1996:6; ROTEIRO . . . , 1900:89).

O processo de doações de sesmarias no Piauí foi o mecanismo jurídico que deu origem ao latifúndio. Dois sertanistas merecem destaque neste processo, Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense. “*Há indicações, inclusive, de que os dois Domingos – Mafrense e Jorge Velho travaram luta antes de chegar a um acordo sobre as áreas reservadas à ação de*

cada um” (CASTELO BRANCO, 1990:31). Esta ocupação, porém, não se fez pacificamente. Os pimenteira, os gurguéia, os acroá, os caratin resistiam à conquista, até serem dizimados ou incorporados, transformando-se em vaqueiros ou boiadeiros nas caatingas, de acordo com a historiografia oficial. Os gurguéia atacavam, matando e afugentando o gado dos colonos, sendo reprimidos pelo paulista Estevão Ribeiro Baião Parente (PIRES, 2002: 63). José Martins Pereira D’Alencastre (*apud* BRANDÃO, 1995:45) descreveu como Domingos Afonso Serra e seu irmão Julião Afonso Serra, reideiros de Francisco Dias de Ávila, armaram uma bandeira e entraram por terras de Pernambuco, perseguindo e conquistando alguns grupos indígenas da região, os que provavelmente resistiam de forma mais explícita ao avanço do colonizador:

... transpuseram os dois cabos a Serra do [sic] Dois Irmãos, e continuando a marchar para o Norte, descobriram as férteis terras que tinham o Canindé e seus afluentes...

De volta os conquistadores da empresa (...) cuidaram logo de tirar destes vastos terrenos o mais real e duradouro proveito.

Os dois irmãos criavam em terras alheias, de agora em diante, podiam povoar com seus gados, terras próprias, e talvez melhores... em 1676, pediram de sesmarias 40 léguas de terras, para situação de suas fazendas.

Os dados etno-históricos permitem localizar vários grupos indígenas no Estado do Piauí e seus arredores. Todavia, há uma imprecisão na nomenclatura utilizada. Mott (1979) comenta que “Gamela” era a designação dada pelos sertanejos aos índios Timbira, Acroá e Gueguê. De acordo com Oliveira (2000: 50), os Xavante e Xerente eram conhecidos por “Acuéns”. Hemming (1997: 121) aponta os Xicriabá e os Acroá com a denominação de “guenguéns”.

Desde o início da colonização do Brasil tem-se ocultado a diversidade étnica dos grupos indígenas que habitaram o Nordeste. A generalização dos diferentes grupos pelos termos Tupi e Tapuia é apenas a ponta do “iceberg” do descaso e falta de interesse com a história destes povos¹⁰.

Costa (1980: 158), na sua introdução à arqueologia brasileira, apresenta os seguintes grupos no Piauí: os Teremembé, Kirirí, Sacamecran e Acroá, nas margens do rio Parnaíba. O autor

destacou a família *Jê*, classificando, entre outros povos, os Timbira, os Aimoré-Botocudo, os Augé e os Temembé, além de alguns grupos que habitavam o interior de Pernambuco e Maranhão, que prestaram auxílio aos holandeses nas lutas do século XVII (1980: 160). Outra família citada por Costa (1980: 166) são os Kiriri ou Cariri, vítimas de muitas perseguições:

muitas eram as tribos da família Kiriri, sendo das principais os Teremembé que, desde o Itapicuru, ou o Gurupi até Camocim, estendiam o seu domínio, sendo em 1679 barbaramente perseguidos. Dos Teremembé, atacados por portugueses do Maranhão, que se faziam acompanhar de cento e tantos brancos e aproximadamente, quatrocentos e cinqüenta índios rivais, só escaparam, em uma maloca de trezentos, trinta e sete indígenas. Após essas atrocidades, em 1687, o padre Miguel de Carvalho aldeou os Teremembé no Ceará.

Nimuendaju (2002) apresenta o deslocamento de várias populações indígenas na área do Estado do Piauí. O autor localiza os Jaicós, em 1674, na região sudeste, margeando o rio Piauí, e indica sua movimentação, focalizando seu deslocamento para o norte, cruzando o rio Canindé e o rio Itaim, alcançando os limites com a Paraíba, nos séculos XVIII e XIX. Outro grupo indígena cuja movimentação Nimuendaju indica é o dos Timbira, que viveram próximos a Oeiras. Entre os anos de 1674, 1728 e 1786 este grupo se movimentou rio acima, o que poderia ter causado o deslocamento dos Guegué para o norte, entre 1765 e 1786, atingindo as margens do Parnaíba, em meados do século XIX. Oliveira chama a atenção para o fato de que muitos nomes das “tribos” citadas como existentes no Estado do Piauí não foram registrados por Nimuendaju em seu mapa etno-histórico e “*outros restaram apenas como denominações de localidades, como é o caso de **Gilbué**, situada no sudoeste do estado...*” (2000: 53).

Três troncos lingüísticos parecem compor os diversos grupos na área do Piauí: o Tupi, o Macro-Jê e, possivelmente, da família Karibe, o Caraíba ou karib. Os grupos do tronco Tupi localizavam-se nas margens dos rios São Francisco e Parnaíba, segundo Oliveira (2000: 53): os Amoipira, Tabajara, Ubirajara, Potiguara e Guarani. Nunes (1975: 29) deduz que os Amoipira descendem dos Tupinambá. Já Hemming (1997: 116) acredita que o processo de povoamento colonial é

responsável pela migração dos Tupi para o Maranhão e para as terras situadas às margens do rio Parnaíba.

A possibilidade dos índios Kamakan, pertencentes à família Jê, terem chegado até São Raimundo Nonato é indicada por Pessis (1994:237):

Praticavam o enterramento secundário em urnas de cerâmica. O morto era inicialmente enterrado em posição fetal em uma fossa de 1, 20 a 1, 50 m de profundidade, tendo ao seu lado armas e uma jarra contendo uma bebida; tudo era em seguida coberto de terra, fazia-se uma fogueira sobre a sepultura e recobria-se com ramagens (informação interessante, pois as escavações em abrigos da área do Parna permitiram a descoberta de enterramentos com o corpo coberto de ramos, tendo sido ateado um grande fogo sobre a sepultura depois desta ter sido recoberta de sedimentos). Um pote de cerâmica na fossa indicava a idade e o sexo do morto. Depois que a carne desaparecia, os ossos eram coletados e introduzidos em uma urna funerária, a qual era enterrada em um buraco não muito fundo.

A diversidade de grupos indígenas registrados nos estudos etno-históricos levanta a possibilidade de grupos culturais diferentes daqueles que ocuparam os sítios do tipo aldeia, apresentados nesta pesquisa, terem se deslocado para a região do Parque Nacional. Os condicionantes históricos do processo de colonização do interior, por meio da expansão do gado para o Sertão e das guerras justas, explicam por que um grupo externo se deslocaria para a região do Parque Nacional. Essa hipótese é reforçada por Pessis:

Durante milênios, desde há 500 séculos, a ocupação humana indígena foi contínua na região do Parque Nacional. Evidências arqueológicas indicam que, em épocas históricas, como resultado dos processos de colonização, a região teria se transformado em ponto de refúgio para populações indígenas, que fugiam do invasor europeu que ocupara o

litoral e as margens do Amazonas. Provenientes dessas regiões, pressionados pela presença dos criadores de gado que avançam na região, pelo norte e pelo leste, diferentes etnias recuaram, convergindo para as serras do Parque Nacional. Ali, como última etapa de quatro séculos de perseguição, coabitaram grupos indígenas de diversas origens (2003:40).

Apesar de não ser possível determinar a etnia e o tronco lingüístico do grupo cultural responsável pela produção dos vestígios arqueológicos da Toca da Baixa dos Caboclos, pode-se contudo afirmar, com base nas informações oriundas das pesquisas etno-históricas e das datações, que este grupo pertence a um contexto histórico de migrações e dispersões populacionais catalisadas por pressões demográficas tanto de outros grupos autóctones, quanto dos colonizadores do Sertão.

Considerações finais

A perspectiva adotada neste estudo, o perfil técnico cerâmico, permitiu distinguir duas tecnologias diferentes nos vestígios cerâmicos dos abrigos Toca da Baixa dos Caboclos e Toca do Serrote do Tenente Luiz. Além destes dois abrigos, também foram estudados os vestígios cerâmicos da Toca do Pitombi. Todavia, o número de fragmentos foi insuficiente para traçar o perfil técnico cerâmico, os dados obtidos nas análises desses vestígios indicam diferenças tecnológicas em relação aos outros dois abrigos.

A Toca da Baixa dos Caboclos possui um perfil técnico cerâmico diferenciado daqueles identificados nos sítios a céu aberto Aldeia Queimada Nova, Barrerinho, Baixão da Serra Nova (OLIVEIRA, 2001) e Cana Brava (CASTRO, 1999), ou seja, o grupo cultural responsável pela produção dos artefatos cerâmicos deste sítio de abrigo não representa uma continuidade daqueles grupos culturais que ocuparam as aldeias. E, com base nas informações oriundas das pesquisas etno-históricas e das datações para este sítio, pode se afirmar que este grupo pertence a um contexto histórico de migrações e dispersões populacionais catalisadas por pressões demográficas tanto de outros grupos autóctones, quanto de colonizadores do Sertão.

Os sepultamentos na Toca da Baixa dos Caboclos ocorreram num período em que os processos de expansão de colonos, em sua maioria relacionados à agropecuária extensiva, já alcançavam as terras da então chamada Capitania do Piauí. Em decorrência da conquista do Sertão, vários povos autóctones tiveram seus destinos alterados, sendo obrigados a migrar de região para região, quando não foram simplesmente exterminados em uma das inúmeras “guerras justas”. O grupo humano responsável por estes sepultamentos pode fazer parte de uma das populações vítimas daquele momento histórico. Todavia, é prematuro afirmar com certeza a veracidade deste fato. Para comprovar tal afirmativa seria necessário a ocorrência de uma dessas situações: descoberta de um outro sítio arqueológico, em área diferente do Parque Nacional, com artefatos cerâmicos suficientes para atestar a semelhança da tecnologia adotada. A segunda situação seria a localização de outro sítio com o mesmo perfil técnico cerâmico na área do Parque Nacional, com datações que recuassem à presença deste grupo cultural no período pré-contato.

Como as evidências arqueológicas independem da vontade humana, essa questão talvez permanecerá aberta. O que se pode precisar é que o grupo responsável pela produção daqueles artefatos encontrados na Toca da Baixa dos Caboclos não apresenta semelhanças com as aldeias já estudadas, e, no entanto, por se tratar de um grupo contemporâneo a um processo de tamanha magnitude, a colonização do interior do Piauí, seria perfeitamente plausível seu envolvimento neste contexto.

Para a Toca do Serrote do Tenente Luiz é preciso ainda determinar com exatidão se os enterramentos em urnas e aqueles feitos diretamente no solo foram executados por grupos alheios entre si, ou se as mesmas pessoas conheciam e adotavam práticas funerárias diferenciadas.

Esta dúvida fica evidente ao se analisar as três datações existentes para este sítio. Duas destas, mais antigas (935 ± 40 BP e 920 ± 35 BP), foram obtidas a partir dos dentes de um mesmo esqueleto, sepultado, a princípio, sem urna funerária. Conseqüentemente, estas datações podem representar os enterramentos de um outro grupo cultural, pois a terceira datação, mais recente (365 ± 40 BP), está associada diretamente aos enterramentos em urnas. A resposta para dúvidas como esta poderá vir através do pronunciamento dos arqueólogos responsáveis pela escavação do sítio, em artigo ou monografia a ser publicada sobre o assunto.

Outro elemento a ser considerado na Toca do Serrote do Tenente Luiz é que, de um total de 1575 fragmentos, apenas 171 possuem tamanho superior: 2 x 2 cm, e espessura maior que 5,0 mm. Em outras palavras, a maior parte dos fragmentos (1404) passou por um processo de desgaste elevado e, talvez, intencional. Este achado pode ser o sintoma de uma prática proposital de destruição da cerâmica, quiçá a fragmentação da cerâmica fosse um tipo de acompanhamento funerário, ou mesmo servisse para algum tipo de ritual ligado aos sepultamentos. Esse índice elevado de fragmentação da cerâmica é um dado concreto e sua interpretação, pelo menos até o momento, somente pode ser feita num plano de conjecturas. O estudo de outros vestígios deste sítio, como o dos materiais líticos e dos vestígios orgânicos, poderá trazer nova luz sobre as práticas funerárias desse grupo cultural.

A produção cerâmica, no caso desta pesquisa, é um dos indicadores de diferenciação entre sítios arqueológicos; contudo, trata-se de resultados parciais. A constatação de um perfil técnico cerâmico distinto, como parte de um conjunto de outros perfis já estabelecidos, é um elemento concreto e indicador de diferenciação. O estudo dos grupos ceramistas da área arqueológica de São Raimundo Nonato representa um grande passo no conhecimento dos grupos pré-históricos do Nordeste. Neste sentido, considerando sua abrangência, esta pesquisa representa uma contribuição a mais no aprofundamento dos conhecimentos sobre o tema. Primeiramente, por estudar de dois tipos de ambientes específicos na pré-história: os abrigos e as aldeias. Segundo, por reunir dados de pesquisas anteriores e apoiar-se nestes, dando continuidade ao processo de ampliação do conhecimento. E, em terceiro lugar, por pesquisar, do ponto de vista da tecnologia de produção cerâmica, especificamente com o uso do perfil técnico cerâmico, de um terreno até então não trabalhado de forma sistemática por outros autores, o dos abrigos.

Leandro Surya

Mestre em Arqueologia e Preservação Patrimonial - Universidade Federal de Pernambuco.

NEPA/Universidade Federal de Alagoas - Campus A. C. Simões – ICS

Tabuleiro dos Martins, Maceió, Al

www.nepa.ufal.br - leandrosurya@yahoo.com.br

- ¹ Para o conceito de sítio arqueológico utilizou-se a definição de Willey-Philips: como a menor unidade de espaço tocada pela mão dos arqueólogos, podendo esta ir do acampamento efêmero à grande cidade.
- ² A datação mais recuada, associada com fragmentos cerâmicos, é do Sítio do Meio, com 8960±70 BP (BETA – 47493); todavia, não será utilizada neste trabalho, por manter um distanciamento cronológico (4230 anos de diferença) das outras datações de grupos ceramistas, considerando que existe uma seqüência cronológica para as outras datações. Sobre esta datação consulte Guidon, Pessis e Martin (1993).
- ³ Conforme Alvarenga e Luz (1991) e Maranca (1991).
- ⁴ Conforme Castro:
“Consideramos, como grupos ceramistas, as sociedades que utilizaram ou fabricaram a cerâmica, isto é, que tinham o conhecimento técnico da confecção da cerâmica, independente do padrão de subsistência e do padrão de assentamento”
(1999:5).
- ⁵ Para o contexto desta pesquisa definiu-se sítio do tipo aldeia são aqueles associados a uma ocupação prolongada, em áreas abertas e amplas. Sítios do tipo abrigo são aqueles que geralmente estão associados apenas a acampamentos temporários, em áreas com proteção natural como paredões e boqueirões.
- ⁶ Silva (2002:121) define a cultura material como o conjunto de artefatos, comportamentos e conhecimentos empregados pelo homem na transformação e utilização do mundo material.
- ⁷ “O Piauí era um verdadeiro “corredor de migrações” para os nativos do Nordeste, fustigados pelos pregadores e pela penetração do colonizador. As características físicas e geográficas variadas dos sertões piauienses, com serras, caatingas, rios, várzeas abundantes, vales e chapadas ofereciam excelentes pastos naturais, recursos hídricos, frutos silvestres, animais de caça em abundância, além de servirem de abrigo e refúgio para as tribos das vertentes do rio São Francisco e litoral nordestino e da bacia amazônica” (HEMMING, 1997:101).
- ⁸No contexto da colonização portuguesa as terras americanas significavam um imenso vazio a ser preenchido com seus interesses, concepções e valores. O sertão era um espaço que exercia atração por suas riquezas desconhecidas e medo por seus seres reais e imaginários como plantas fantásticas ou índios considerados bárbaros e selvagens.
- ⁹ Em 1718, foi criada a Capitania do Piauí e, em 1762, houve a instalação do aparelho político-administrativo (BRANDÃO, 1995:24).

¹⁰ Puntoni (1997) destaca sobre esses termos: “Podemos notar que em relação a classificação dos povos indígenas, a literatura tem comumente se respaldado em generalizações recorrentes. Destaca-se recorrentemente a reposição da classificação desses povos em duas unidades culturais (ou mesmo raciais), que funciona como pólos antagônicos: os Tupi e os Tapuia. Assim, não seria afirmar que esse binômio tem sido a chave classificatória fundamental a perpassar a documentação e a historiografia, dos cronistas do séc
ulo XVI até mesmo dos trabalhos coevos. Nesse particular, registro e interpretação se misturam, de tal maneira que não podemos mesmo dela prescindir.”

Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Leonete; LUZ, Maria de Fátima. Interpretação estilística de painéis de sítio da Toca do Baixão do Perna I e sua implicação na cronologia das tradições rupestres. Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1987. *Clio*. Recife, v.1, n.4, p. 137-140, 1991. (Série Arqueológica).
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial do piauiense: família e poder*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- CASTELO BRANCO, Renato. *Domingos Jorge Velho e a presença paulista no Nordeste*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.
- CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. *Sítio Cana Brava: contribuição ao estudo dos grupos ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí*. 1999. 122f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- _____. O perfil técnico cerâmico do sítio Cana Brava, Jurema, sudeste do Piauí. *Clio*, Recife, v.1, n.14, p. 175-192, 2000. (Série Arqueológica).
- COSTA, Angyone. *Introdução à arqueologia brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1980. v. 34.
- GUIDON, Niède. O arcaico no Piauí. *Anuário de Divulgação Científica*. Temas de Arqueologia Brasileira, Goiânia, n.2, p. 42-47, 1980.
- GUIDON, Niède; PESSIS, Anne-Marie; MARTIN, Gabriela. Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil. *Clio*, Recife, v.1, n.6, p.123-126, 1990. (Série Arqueológica).
- GUIDON, Niède; PESSIS, Anne-Marie. Recent discoveries on the holocenic levels of Sítio do Meio rock-shelter, Piauí, Brazil. *Clio*, Recife, v.1, n. 9, p. 77-80, 1993. (Série Arqueológica).
- GUIDON, Niède; VERGNE, Cleonice; VIDAL, Irma Asón. Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional da Serra da Capivara. *Clio*, Recife, v.1, n.13, p. 127-144, 1998. (Série Arqueológica).

- HEMMING, John. Os índios do Brasil em 1500. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: a América Latina colonial**. São Paulo: USP/Fundação Alexandre Gusmão, 1997. v. 1.
- MARANCA, Sílvia. Estudo do sítio Aldeia da Queimada Nova, Estado do Piauí. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v.3, p.102, 1976.(Série Arqueologia).
- _____. Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato, Piauí. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro,1987. **Clio**, Recife, v.1, n.4, p.95-97, 1991. (Série Arqueológica).
- MARANCA, Sílvia; MEGGERS, Betty J. Uma reconstituição de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da Tradição Tupiguarani. **Pesquisas**, São Leopoldo, n. 31, p.227-247,1980. (Série Antropologia).
- MEGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas. **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro v. 46, p. 9-32, 1958.
- MOTT, Luís. Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí colonial. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 22, p.61-78, 1979.
- NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- NUNES, Odilon. **Pesquisa para a história do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 1.
- OLIVEIRA, Cláudia A. *A cerâmica pré-histórica no Brasil. Avaliação e proposta*. **Clio**, Recife, v. 1, nº 7, p. 11-88, 1991. (Série Arqueológica).
- _____. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil**. 2000. 302f. Tese (Doutorado) - USP/MAE, São Paulo, 2000.
- _____. Perspectiva etno-histórica no Estado do Piauí – Brasil. **Clio**, Recife, v.1, n.15, p.171 – 188, 2002. (Série Arqueológica).
- _____. Os ceramistas pré-históricos do sudeste do Piauí – Brasil: estilos e técnicas. **Fundamentos**, n. 3, 57-127, 2004.
- PESSIS, Anne-Marie. **Plano de Manejo – Parque Nacional Serra da Capivara**. Brasília: IBAMA/FUMDHAM, 1994.
- _____. **Imagens da Pré-História**. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.
- PIRES, Maria Idalina da Cruz. *“Guerra dos Bárbaros” resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 2002.
- PORTO, Carlos Eugênio. **Roteiro do Piauí**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- RIBEIRO, Berta G. Os estudos de cultura material: propósitos e métodos. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, p.13-41, 1985.
- RIBEIRO, B. (Coord.). **Suma etnológica brasileira. Tecnologia indígena**. Petrópolis: Vozes, 1987. v.2.
- ROTEIRO do Maranhão a Goiaz pela Capitania do Piauí. In: **Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro**. Tomo 62, Parte I, 1900.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Pecuária e formação do mercado interno no Brasil-colônia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 7, p. 1- 41, dez. 1996.

SÁNCHEZ, Rodrigo Navarrete. Cerámica y etnicidad. Una aproximación al estudio de las formas culturales como expresión de lo étnico. **Boletín de Antropología Americana**, n.22, p 47-80, 1990.

SILVA, F.A. *As Tecnologias e Seus Significados*. **Canindé**, UFS, nº2, p.119-138, 2002.

STEWART, Julian H. Handbook of South American indians. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, Washington, n. 143, p. 1-16, 1955.

WILLEY, Gordon R. Ceramics. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, Washington, v.5, n. 143, p. 139-204, 1949.